

Sobre o projeto, por Eurico Marchon Neto:

Recém-chegado ao Rio de Janeiro em janeiro de 1968, vindo de Cachoeiro de Itapemirim para me preparar para o vestibular naquele ano, comecei a frequentar a Igreja Presbiteriana de Copacabana, em cujo bairro passei a residir. Ali conheci o Pastor Jonas que liderava uma juventude de cerca de 80 pessoas, sempre presentes nos cultos aos domingos, às 19h. Tomei um choque de comunicação, já que vinha de igreja de mesma denominação, mas bem conservadora, me deparando com tudo de diferente que eu havia ouvido na minha terra natal. Mas soaram muito bem aos meus ouvidos não só as interpretações bíblicas do Pastor Jonas como as músicas populares revestidas de poesia de autoria do próprio Jonas, a grande maioria delas. Na esteira dessa criação dele, outros jovens começaram também a letrar melodias conhecidas e recheiar o cancionário de então, já impresso. Numa das reuniões de sexta-feira – já de rotina à época, coordenadas pelo próprio Pastor Jonas – ele me pediu para apresentar uma música de minha autoria – Arrependimento – naquela oportunidade na casa de uma das jovens da igreja, a Eunice Aguiar, na Rua Paul Redfern, no Leblon. Fiquei surpreso com os aplausos de receptividade após interpretá-la. Desde então começou nossa parceria em inúmeras músicas, além de longa amizade que perdurou por todo o tempo que sua luta em vida permitiu, até os seus últimos dias. Um testemunho de carinho, ternura, afeto, sensibilidade social e inteligência, associada a uma rara cultura geral. Cheguei a dizer para ele numa ocasião que me sentia um privilegiado ao pertencer a uma geração que podia ouvir suas vivas mensagens e ler seus textos e sua poesia. Ora ele me entregava poemas para eu musicar, ora eu apresentava a ele melodias gravadas em fita K7 para ele letrar. A prática de reuniões dos jovens nas sextas-feiras, sempre na casa de alguém ou mesmo em sua própria casa, que iniciou quando ele era Pastor da Igreja de Copacabana, ele transferiu para a Igreja Presbiteriana de Ipanema, nos idos de 1974, época em que me transferi juntamente com grande parte da juventude de então, motivado pela transferência dele, cujos motivos nunca foram bem explicados. A casa da Cely foi praticamente uma extensão da igreja pois ali concentrava a maioria das reuniões das sextas-feiras. Eu o acompanhei naquela transferência para a ICI e dei continuidade ao que fazíamos juntos, ele conduzindo os cultos e eu no violão, defendendo os cantos do cancionário juntamente com o Afonso nos teclados. Tivemos mais de 50 músicas em parceria, parte sacra e parte secular. Das peças teatrais que ele próprio escreveu, como forma de inovação teológica de comunicação, ele destacava algumas partes poéticas e me pedia música para essas, embora a grande parte do texto fosse defendida pelos atores amadores que a própria juventude da igreja possuía. Assim se deu minha vivência com o Jonas, e de tal proximidade, que uma daquelas peças de teatro encenada pela trupe de atores amadores da própria igreja, nós fomos apresentá-la justamente em Cachoeiro, com a presença dele. Distribuímos-nos entre alguns carros dos próprios jovens a lá fomos nós, 400 km estrada a fora até lá. Nossa apresentação se deu num teatro de nome “Jardim de Infância” – local de referência na cidade por possuir espaço comunitário de laser e até uma piscina aberta ao público nos finais de semana da sempre quente Cachoeiro, com palco e plateia para cerca de 200 pessoas sentadas. Ou seja, mesmo sendo uma peça com cunho teológico atualizado, não foi encenada numa

igreja, talvez por ser por demais progressista para os padrões da igreja à qual pertenci e que meus pais ainda frequentavam, na cidade. Num de seus livros, Direito e avesso, ele dedicou-me uma poesia, e lá está grafada para E. M., minhas iniciais e ele deu-me essa informação naquela noite de autógrafos na sede da ICI. A propósito, o nome da Igreja Cristã de Ipanema, em substituição à Igreja Presbiteriana de Ipanema foi devido à dificuldade do Presbitério do Rio de Janeiro na década de 80, em entender que os novos tempos requererem nova linguagem e formas de interpretação das escrituras, tendo o Jonas, ainda Pastor da Igreja de Ipanema, sofrido um processo de heresia ao publicar uma de suas obras. No acordo, a queixa sobre ele foi retirada, em troca da retirada da igreja do presbitério, razão pela qual o nome foi substituído. E para terminar, quero guardar para sempre na memória todos os telefonemas que dele recebi de viva voz, me convidando para os momentos de autógrafos dos seus livros, que alcançaram a expressiva quantidade de 32 livros lançados. Ele ainda foi o Pastor de minha família. Para diversos eventos que eu organizei aqui no Rio com grande público, eu fazia questão de convencer meus pares que nossos eventos seriam mais humanizados com a presença viva da experiência de Jonas Rezende, e todos se encantavam com sua participação, alargando o entendimento do que devemos conceber como sendo o verdadeiro Reino de Deus.

Ressalte-se a importância do cancionário introduzido pelo Jonas na nossa cultura musical, cujos hinários estão ainda eivados de hinos, muitos deles clássicos pelo que propõem suas letras, mas também muitos outros conservando um linguajar de final de século XIX, posto que traduzidos dos hinos trazidos pelos primeiros missionários americanos, ao fundarem as denominações que se alastraram pelo país desde então. Evoluiu muito o jeito de Jonas e Edson traduzirem as escrituras, interpretações essas que destoam do lugar comum das igrejas tradicionais, muitas delas fundamentalistas e que rejeitam atualizações nas interpretações da bíblia. Com todo respeito às pessoas mais idosas ou que mantêm identidade com o estilo dos hinos com sentido conservador, mas o nosso púlpito por meio desses pastores contém mensagens que requerem uma sintonia com as músicas que entoamos na liturgia, seja no canto comum ou mesmo nos cantos do coro. O Pastor Jonas inaugurou uma nova época na década de 70 ora compondo letras de alto valor poético e cristão em melodias populares para que as pessoas se sentissem estimuladas a aceitar aquelas inovações e cantar com mais entusiasmo, ora colhendo do cancionário popular músicas na íntegra, reconhecendo a mensagem que continham, sem alterá-las. Eu senti isso na pele pois fui também impactado pela inovação à época. Ambos pastores deixaram sempre claro a necessidade de evoluirmos no conteúdo das letras-mensagens de nossas músicas, sendo necessário que dobremos as resistências naturais de algumas pessoas. Portanto diante do desafio de inovar nosso cancionário, que precisa acompanhar nosso tempo e alegrar nossos corações, sentimos o chamado de Deus para essa missão de, por meio dessa nova roupagem musical, sintamos a força e presença do Reino em nossa vida comunitária.